

## Quando o nome é mal-dito: Dalí - Wagner - Tristán e Isolda

### Stella Maris Gulian (EFBA)

A ópera Tristán e Isolda entrelaça a vida de Dalí e de Wagner, ambas tomadas pelo mito, que nos fala da mal-dição dos nomes e do sofrimento do amor; mas cada um resolverá de uma forma diferente, levando à tragédia ou vivendo um drama com certa resolução.

Wagner começou a escrevê-lo durante o exílio em Zúrich, onde ele e sua esposa ficaram na casa de seu admirador e patrono Otto Wesendonck. A esposa de Otto, Mathilde, despertou no compositor um amor intenso que ele captou nesta obra, levando-a a compô-la. Amor feito de sofrimento e saudade que a "melodia infinita" expressa com maestria: esse desejo permanente, esse amor impossível feito da saudade de uma união total que só se realizará na morte. Wagner, fascinado pelo impossível, avança na escrita e divide as partituras com Mathilde.

Assim, no final da composição do 1º Ato, ele escreve com esta dedicatória: Coloco tudo isto aos teus pés para que estes esboços celebrem o anjo que me transportou tão alto. R.W  
Sua esposa Minna a intercepta e o escândalo estoura. Wagner vai propor a Mathilde que os dois se separem para casar-se, mas ela não aceita, então o músico vai dizer a ela que só tem que enfrentar seu amor, a possibilidade de *Entsagun*, renúncia, resignação pela impossibilidade de alcançar isso, o que ele conseguirá captar em seu Tristán e Isolda, esse eterno sofrimento de amor.

Os Wagner viajam para Veneza e de lá ele escreve para Mathilde: As lutas que travamos só podem terminar em vitória. Para mim, ficar longe significa morrer. Do fundo da minha alma e por toda a eternidade, devo agradecer por escrever Tristán.

A trama nos conta sobre Tristán como um cavaleiro dotado de fama e honra que luta para aumentar o reino de seu tio a quem a Irlanda exigia um tributo anual de 600 jovens. Ele viaja com esse propósito, mas em vez de entregar a homenagem, desafia o príncipe Morold para um duelo, matando-o e enviando sua cabeça como troféu e uma resposta de que a

Cornualles nunca mais pagará a referida homenagem. Mas na luta ele é ferido pela espada envenenada do príncipe traiçoeiro, então ele só será salvo se retornar à Irlanda para ser curado pelas artes mágicas de Isolda -a princesa noiva de Morold- apresentando-se sob o nome falso de Tantris, anagrama de Tristán.

Cured retorna à Cornualles e conta ao rei o ocorrido, elogiando a beleza e as artes de Isolda. Mas, apesar de ser o herdeiro do reino, ele se blinda de honra e dignidade para oferecê-la como esposa, pedindo-lhe que vá procurá-la e assim selar a paz entre os dois reinos. É neste ponto que a peça começa: eles estão no navio que viaja para a Cornualles. Isolda, cheia de ódio e vingança, diz a sua criada que usará um dos filtros que sua mãe lhe deu -o filtro da morte- para enganá-lo, oferecendo-o a Tristán como forma de reconciliação. No entanto, depois de beber, os dois acordam excitados, tremendo de uma paixão que cresce cada vez mais. A perturbada Isolda pergunta à sua empregada, que filtro era aquele? Ao que este desesperado responde: O elixir do amor!

Poder, fama, honra, lealdade, tudo se dissipa - escreve Wagner no programa inaugural - Só uma coisa vive: a saudade (*Entsagung*) do desejo insaciável que eternamente renasce, morre de sede, desmaia, nunca mais acorda.

No segundo ato eles se encontram em segredo e juntos cantam a Sublime noite de amor, que mostra a comovente e dolorosa fusão em um único ser. Morrer sem nome e sem separação, entregue um ao outro em uma morte de amor ardentemente desejada! Fusão absoluta que nega a diferença. Figura do gozo ilimitado, possibilidade do impossível que só podemos desejar.

O rei os descobre e furioso, o seu guardião saca a espada e enfrenta Tristán, que, recuperando a lucidez, pula sobre ele, lhe acertando o peito e sendo mortalmente ferido, num ato vitorioso.

Diz a lenda que Tristán é filho de um eminente guerreiro casado com a irmã do rei, que após a noite nupcial deve partir para defender suas terras. Sua esposa grávida o esperava até descobrir que ele havia morrido devido à traição do duque que o esfaqueou com sua

espada envenenada. Entrando em estado melancólico, deu à luz um filho a quem, tomando-o nos braços, disse:

Meu filho, há muito tempo eu queria ter você. Triste te dou à luz e triste é a primeira carícia que te dou. Por sua causa tenho uma tristeza que vai me matar. E como você veio ao mundo com tristeza, você se chamará Tristán. Dizendo isso, beija a criança e morre.

O que Tristán faz com o nome indevidamente chamado de “próprio”? O mito nos fala de um sujeito que não pode empreender ou sustentar nada em seu nome, exceto quando o muda para Tantris quando vai para a Irlanda para se curar, apostando na vida.

Com os pais mortos, ele fica aos cuidados do Marechal, que consegue restaurar suas terras. No entanto, quando chegou a hora de receber a herança, ele renunciou a ela em favor do Marechal, optando por se tornar um vassalo e servo de seu tio, o rei Marke. Há dois homens que me ajudaram e devo chamá-los de pai. Um homem bom tem duas coisas próprias: sua terra e seu corpo. Assim, ao Marechal dou minha terra; entrego meu corpo ao rei, deixando meu país para servi-lo. Você dá tudo por amor ao seu pai?

Ao conhecer Isolda, renuncia a ela por não ter nada para si e a entrega ao tio, nessa melancólica posição que o habita. Assim como no final do segundo ato ele se suicida colocando o peito na frente da espada da serva do Rei quando o romance é descoberto.

No último ato, Tristán morre nos braços de sua amada e ela, fora do mundo, canta como se fosse de um mundo distante, a melodia da alegria suprema da Morte por amor, melodia que Dalí pedirá para ouvir em seu leito de morte. A melodia termina com a palavra *Lust* (desejo alegre) e ela cai morta.

Wagner cria para esta ópera a "Melodia Infinita" do sofrimento eterno do amor, *Entsagung*, mas se o amor tem a ver com a vida, como pode o amor ser chamado de amor? Um estado que exalta o sofrimento, o gozo mais do que o prazer; a ausência e a saudade do amado mais do que a presença?

Três anos após sua conclusão, Wagner terá como amante a filha de seu amigo Liszt, com quem terá vários filhos. O que sobrou desse amor? Talvez sua ópera e sua melodia infinita, criada graças a sua musa.

Drama não é tragédia. O drama pode se transformar em tragédia dependendo do que o sujeito faz com ele. O drama tem resolução, enquanto a tragédia nos confronta com o fracasso. O drama nos fala sobre um destino escrito por gerações anteriores que permite ao sujeito a escolha de evitar ou não esse destino. Poder fazer uma torção contra o gozo inscrito na linhagem, reorientando o desejo e a modalidade de gozo.

O mito de Tristán mostra-nos maravilhosamente a tragédia que se desencadeia quando o sujeito não consegue livrar-se do estatuto mortífero da enunciação que leva o seu nome, permanecendo fixo no lugar do fantasma do Outro, lendo a partir daí o seu nome. E Wagner dá vida a ele em sua obra, fazendo-o ocupar essa posição sofrida. Em Isolda ele encontra um olhar que o deixa fora do desejo de morte, tirando-o de seu destino fatídico. O amor o surpreende. Ele consegue mudar seu nome para Tantris, momento em que o mito faz o sujeito falar, expressando sua saudade da vida, já que ele lê diferente com as mesmas letras. Maravilhosa oportunidade de torcer um destino. Mas o poeta insiste, o sujeito não pode questionar o que lhe vem do Outro e, lendo isso como um mandato, recua em seu ato. Não há espaço para o desejo. Mandato mal-dito. Você será chamado de Tristán por tristeza.

Dalí amava Wagner e sua música. A sua admiração era tão grande que povoava a sua casa de Cadaqués com inúmeras esculturas com o rosto do músico, mas a sua posição perante o amor e o seu nome maldito era diferente.

O nome que carregava, Salvador, era do irmão mais velho, falecido aos seis anos. Seus pais o levaram ao cemitério e apavorados ele olhou para o próprio nome escrito na lápide. Durante toda a minha infância carreguei em corpo e alma o cadáver apegado deste irmão, pois meus pais falavam constantemente do outro Salvador.

Quando Dalí conheceu Gala, ambos ficaram absolutamente fascinados e a partir desse momento nunca mais se separaram. Sua biografia está ligada à dela, sua musa, seu amor. Gala foi o motor que colocou em ação o gênio criativo -como Mathilde para Wagner- Mas ela não foi apenas sua musa, mas também colaborou ativamente em seu trabalho, até que

Dalí decidiu incluí-la em sua rúbrica. Assinando meus trabalhos como Gala-Dalí, digo uma verdade, porque não existiria sem minha gêmea Gala. No fundo, não se sabe onde termina Gala e começa Dalí.

Dalí consegue com sua arte e seu amor um enlaçamento, até mesmo um corpo sustentado por Gala. O amor de Dalí por Wagner com seu Tristán e Isolda. Ele fala sobre o seu amor? Ele fala sobre o nome amaldiçoado?

Eles ficaram juntos por 53 anos até a morte dela (1982). Apartir de então, ele foi deixado para morrer de fome. Ele havia perdido o sentido da vida, caindo na decadência e no abandono. Morrendo, ele pede para ouvir o monólogo final de Isolda, Morte do amor, seu encontro com Gala na vida após a morte? a união indissolúvel?

*La femme c'est le Sinthome*, o local onde Gala foi convocada por Dalí. Quarto anel que corrige uma falha na estrutura, convocado para a casa do vizinho. Gozo, amor e desejo amarrados pelo quarto anel, que deixa o sujeito bem amarrado no reencontro consigo mesmo, compensando tal falha. Mas com a morte de Gala, Dalí entrou em colapso subjetivo.